



A Feira de Artesanato em Pedra Sabão¹, como produto turístico, na perspectiva dos artesãos, Ouro Preto-MG

Craft Fair in Stone Soap while tourism product from the perspective of artisans, Ouro Preto-MG, Brazil

Simone Fernandes Machado
Ricardo Eustáquio Fonseca Filho

Resumo

As feiras, além da comercialização de mercadorias, são, desde a antiguidade, formas de valorização do patrimônio cultural. A Feira de Artesanato em Pedra Sabão de Ouro Preto-MG, principal ponto de comercialização desse tipo de artesanato, carece de maiores estudos do artesanato como produto turístico. No contexto deste trabalho, objetivou-se compreender o empreendimento na visão dos artesãos, identificando forças e carências do atrativo como possível produto turístico. Para tanto, a metodologia utilizada se deu com base em pesquisas bibliográficas e 15 entrevistas quali-quantitativas. Constatou-se que, embora o artesanato em pedra-sabão represente genuinamente uma herança cultural local — com material oriundo, em sua maioria, do distrito de Santa Rita de Ouro Preto —, são necessárias ainda ações que visem a atender aos artesãos no que tange à organização cooperativista, às melhorias na infraestrutura, ao maior envolvimento do setor público e ao apoio na divulgação dos trabalhos.

Palavras-chave: Produtores de artesanato, produto turístico, identidade cultural, Ouro Preto

¹ Utilizar-se-á, no presente trabalho, “Pedra Sabão” quando nome próprio, referente à Feira, e “pedra-sabão”, como substantivo.

Abstract:

The fairs, although commercialization of goods, they are since ancient times a form of appreciation to the cultural patrimony. The Market fair of hand-made-crafts of Soap Stones in Ouro Preto-MG, Brazil, main outlet of commercialization of these kinds of crafts, needs larger studies to understand the vision of the investments of the artisans, identifying strengths and deficiencies of the attractive when focused as possible touristic product. As methodology for the studies used; it was based in bibliography of 15 interviews qualitative-quantitative. It is evident, even though the crafts in soap stone represents genuinely a cultural local heritage - with material collected in its majority from the district of Santa Rita of Ouro Preto — that there are still actions needed to observe the artisans in what touches the cooperative organization, infrastructure improvements, larger approach of the public sector and support to promote their work.

Key words: *Crafts artisans, touristic product, cultural identity, Ouro Preto*

1. Introdução

O turismo de base comunitária pode contribuir para a inclusão da comunidade organizada na tomada de decisões, no planejamento e na execução da atividade turística, usufruindo também de seus benefícios em busca da inclusão socioeconômica, entre outros direitos e deveres gerados pelo turismo em uma comunidade (BARTHOLO *et al.*, 2009).

Com essa premissa, neste trabalho, apresenta-se um estudo sobre o artesanato como produto turístico e forma de valorização cultural local, com enfoque na percepção de artesãos e comerciantes da Feirinha de Pedra Sabão, localizada no largo de Coimbra, em Ouro Preto-MG, ponderando-se, ainda, para o perfil dos produtores e comerciantes de artesanato, as características culturais do artesanato regional, o ordenamento, a gestão e a infraestrutura da Feira.

A relevância da pesquisa constitui-se no levantamento e na sistematização do conhecimento acerca dos produtores e comerciantes diretamente vinculados à atividade turística, considerando-se que, de acordo com o Decreto n.º 448/1992 sobre a Política Nacional de Turismo — que regulamenta a Lei n.º 8.181/1991 —, o turismo tem por finalidade seu equacionamento como fonte de renda nacional (BRASIL, 1992) e, entre as diretrizes de planejamento, tem-se por objetivo reduzir as disparidades socioeconômicas de ordem regional. Vale ressaltar que o levantamento de informações que concernem a essa atividade pode contribuir no que tange à elaboração de um planejamento e monitoramento adequados, visando à promoção do bem-estar da comunidade

e propiciando a preservação e a valorização da identidade cultural do grupo social, além de incentivar o desenvolvimento econômico.

Em síntese, todo planejamento deve ser embasado em pesquisas confiáveis que têm por finalidade o desenvolvimento de políticas que certamente agregarão valor à atividade turística local, que já existe, mas que carece de ordenamento, mesmo apresentando considerável relevância para a cidade como fonte de renda e produto turístico-cultural. Para tanto, a atividade artesanal em pedra-sabão será apresentada a seguir, vinculada a um estudo de caso realizado na Feirinha de Artesanato em Pedra Sabão, principal ponto de produção e comercialização de artesanato em Ouro Preto-MG, cuja organização parte de base comunitária.

Para a realização da pesquisa, buscaram-se dados bibliográficos secundários, entrevistas com artesãos e comerciantes; dados primários, com aplicação de questionários que objetivaram identificar a percepção sobre o empreendimento Feirinha de Pedra Sabão e o artesanato como produto turístico e forma de valoração cultural. No estudo, visou-se, ainda, ampliar os dados acerca da temática “artesanato em pedra-sabão”, como produto turístico em Ouro Preto a fim de oferecer subsídios para o planejamento e a gestão da atividade.

Na questão central do trabalho, procurou-se avaliar as características dos produtores e comerciantes de artesanato e a concepção que eles têm da Feirinha de Artesanato como atrativo turístico. Para isso, buscou-se responder às seguintes questões: A Feira de Artesanato é um produto turístico consolidado? Qual é o perfil de seus comerciantes? O artesanato é uma herança cultural ou foi aprendido a fim de atender à demanda turística da cidade de Ouro Preto? Na perspectiva dos produtores, a Feira de Artesanato representa a cultura popular local de Ouro Preto? Ela é uma atividade financeira lucrativa? Qual é a percepção dos comerciantes de artesanato acerca do artesanato como produto turístico?

Para melhor fundamentar as análises deste trabalho, realizaram-se os seguintes procedimentos: a princípio, buscou-se realizar uma pesquisa de gabinete com o objetivo de levantar os estudos existentes acerca do tema em questão; embasado em tal pesquisa, elaborou-se o referencial teórico; em seguida, consultaram-se os acervos do Arquivo Municipal e da Biblioteca Municipal de Ouro Preto à procura de dados secundários relevantes — encontrados apenas impressos.

Quanto à coleta de dados primários, fizeram-se tentativas, sem sucesso, de entrevistas na Associação dos Expositores do largo de Coimbra — ADELC². Porém, mediante pesquisas prévias realizadas, na Secretaria Municipal de Turismo, com membros associados à ADELC, e pela observação subjetiva da realidade encontrada em campo, foi possível estabelecer a metodologia das entrevistas diretas, utilizando-se a técnica de amostragem descritiva, exploratória, não probabilística acidental de caráter qualitativo e quantitativo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

² Fundada em 1995, trinta anos após a criação da Feira, de seis artesãos atingiu 72 artesãos, sócios da Associação (AMARILLA-SINTERNET, 2014).

Desenvolveu-se, então, um instrumento de coleta de dados: o questionário (BABBIE, 2003), aplicado, posteriormente, aos comerciantes e produtores da Feira. Cabe ressaltar que dos quarenta responsáveis pelas bancas que trabalham no local, 15 disponibilizaram-se a colaborar com a pesquisa, respondendo aos questionários, representando, portanto, a amostra final. Ainda no que tange às técnicas, também se utilizou a observação direta — com anotações de vivências semanais e cotidianas (GIL, 2006) pelo período que compreendeu duas semanas, de 3 a 17 de junho de 2012.

Após a pesquisa de gabinete, a compilação de dados dos questionários e a observação participante (THIOLLENT, 2002) — realizada durante a aplicação dos questionários —, as informações foram tabuladas e sistematizadas no software *Microsoft® Office Excel®* 2010 para análise dos dados da pesquisa, obtendo-se, assim, dados relevantes às respostas das questões estruturantes da pesquisa. Na sequência, apresentam-se os resultados obtidos.

2. Ouro Preto como destinação turística

Na cidade de Ouro Preto — Patrimônio Cultural da Humanidade —, há um dos conjuntos mais importantes do barroco brasileiro. Fundada em 24 de julho de 1698, pelo bandeirante Antônio Dias de Oliveira³ e pelo padre João de Faria Fialho, foi elevada à categoria de vila, em 1711, com o nome de Vila Rica (VIVÊNCIAS BRASIL, 2006). Na referida fonte, há, ainda, os seguintes marcos teóricos: em 1720, a Coroa instituiu a Capitania de Minas Gerais — desmembrada da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro — e a capital estabeleceu-se na antiga Vila Rica que foi palco do movimento libertário que propunha a autonomia para a Colônia — a chamada Inconfidência Mineira. Em 1823, Vila Rica foi elevada à condição de cidade, com o título de Imperial Cidade de Ouro Preto, tornando-se capital do estado de Minas Gerais, com a chegada da República em 1889.

Em 1897, a capital foi transferida para Belo Horizonte e, em 1933, elevou-se a antiga capital de Minas Gerais à categoria de Patrimônio da Memória Nacional. Em Ouro Preto, a ligação da identidade com o patrimônio tombado dá-se, segundo Banducci e Barretto (2001), a partir de 1933, quando a cidade é colocada sob a guarda do recém-criado SPHAN. Graças, sobretudo, à mudança da capital para Belo Horizonte, a cidade ficou por muito tempo estagnada, e o tombamento foi uma forma de os moradores recriarem simbolicamente a cidade e devolverem o prestígio que ela merece, em razão da enorme importância no contexto nacional e da criação da identidade brasileira.

³ Cabe citar Martoni e Varajão (2009, p. 36), que informam que uma das modalidades “de incursão paulista” era a “prospecção de riquezas minerais”. Prieto (1976) chega a afirmar que a mineração é a “força motriz do descobrimento”, forjando a América.

Em 1938, a cidade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN — e classificada, em 1980, como Patrimônio Cultural da Humanidade⁴, título concedido pela União das Nações Unidas — UNESCO. Pode-se ler em Lia Motta (1987 *apud* CASTRIOTA 2009, p. 74) a respeito de Ouro Preto após o tombamento:

Esvaziada economicamente, a cidade foi usada como matéria-prima para um laboratório de nacionalidade de inspiração modernista, deixando as populações que lá moravam subordinadas a esta visão idealizada, não sendo elas sequer o motivo de referência.

Entre as medidas de conservação decorrentes do tombamento, destacam-se, ainda, as políticas para centros e bairros antigos, onde foram realizadas revitalizações e intervenções que, muitas vezes, se desvirtuaram da ideia principal de revitalização e devolução à comunidade local, em função da tendência em tornar-se city marketing (PELLEGRINI FILHO, 1993).

Ouro Preto pertence ao Circuito do Ouro e à Associação das Cidades Históricas de Minas e é marco central da Estrada Real (TURISMO CULTURAL ESTRADA REAL, 2006). Graças ao pertencimento ao patrimônio nacional, tornou-se possível o crescimento econômico do município pela via de incentivos e investimentos na condição de destinação turística. Margarita Barretto (2000) situa a cidade de Ouro Preto como patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade, pois é um conjunto formado por diversos monumentos, tais como museus, chafarizes, bens imóveis e, principalmente, esculturas e artigos religiosos representando as tradições brasileiras da época colonial e do apogeu do ouro no Brasil.

Com a inclusão da cidade no Circuito do Ouro e na Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais, Ouro Preto tornou-se destino priorizado por turistas — nacionais e internacionais — que buscam conhecer a história, a cultura e a religiosidade mineiras (VIVÊNCIAS BRASIL, 2006). Saliente-se que, nesses termos, com maior fluxo de visitantes, as cidades históricas passam a demandar planejamento mais adequado das ações que visem a conservar seus patrimônios e, concomitantemente, a controlar a demanda das atividades que ocorrem em seus espaços, e prover formas para que a comunidade local esteja envolvida nesse planejamento. Note-se, também, a tendência de governantes e gestores em deterem-se nos aspectos estruturais, muitas vezes deixando em segundo plano as sutilezas das relações cotidianas, como as relações sociais e os hábitos da população. Cabe ainda ressaltar que as práticas de intervenção urbana em cidades históricas

⁴Nesse aspecto, é importante Meniconi (1999) que denominou Ouro Preto como “cidade-monumento”, destacando a construção da imagem da cidade para seu reconhecimento como bem cultural.

podem alterar a paisagem, degradar sítios históricos e transformar áreas de entretenimento da comunidade em áreas de consumo turístico.

Ao buscar uma relação entre patrimônio e turismo, Choay (2001) aponta que o turismo cultural talvez seja a forma mais intensa do contato do povo com os monumentos históricos e com a democratização do saber, ideia que remete à Revolução Francesa. No entanto o ideário revolucionário não é seguido à risca por causa dos interesses econômicos que interferem de modo negativo no turismo cultural; daí esse tipo de turismo pode tornar-se massificado, isto é, uma indústria que tem como finalidade apenas o consumo e não o aprendizado idealizado. Porém se espera que a preservação e a conservação façam parte da política cultural do município, seja pública ou privada.

3. As feiras comerciais e o turismo

Os mercados, também conhecidos como feiras comerciais, eram uma das formas de comércio mais importantes da Idade Média. Surgiram com base em excedentes de produção a fim de atender às necessidades dos indivíduos de comer, vestir-se, armar-se, realizar suas trocas em geral (RONÁ, 2002). No entanto, para que tais empreendimentos sejam bem aproveitados e bem-sucedidos, é imprescindível um planejamento eficiente e efetivo e que se ofereça infraestrutura adequada a visitantes e expositores.

O turismo é uma das atividades econômicas que envolvem diretamente ou indiretamente vários setores da economia de uma região ou país, e o fator humano, sujeito da ação, está presente em todas as atividades, quer seja como consumidor ou como prestador de serviços, implicando, dessa forma, relacionamento interpessoal, por meio de atitudes, experiências, cultura e modo de viver.

No que tange à busca por sustentabilidade, Castrogiovanni (2002) revela que o turismo avança por demonstrar maior comprometimento social, sem ultrapassar os limites físicos e psíquicos dos elementos naturais e culturais do local. Para que uma feira seja considerada produto turístico, deve ser acrescida de todas as infraestruturas gerais e turísticas, as quais incluem, também, os serviços. Para Beni (2001), a característica fundamental da infraestrutura geral é que o investimento sirva ao setor de turismo incidentalmente e, ao mesmo tempo, a todos os demais setores: indústria, comércio, agricultura, áreas residenciais.

Carter (1991), por sua vez, aponta que, para ser sustentável, qualquer forma de turismo deve atender às necessidades da população receptora em termos de padrões de qualidade de vida, no curto e no longo prazo, satisfazer às demandas de um número crescente de turistas e continuar a atraí-los e a proteger o meio ambiente de forma a garantir essa dinâmica. Oliveira (2005b) conceitua, ainda, o turismo como a atividade humana capaz de produzir resultados de âmbitos cultural, econômico, financeiro, político e social, realizados numa localidade e decorrentes do relacionamento entre visitantes e lugares visitados, durante a presença temporária de pessoas que se

deslocam de locais habituais de residência para outros, de forma espontânea e sem fins lucrativos. O turismo cultural é, pois, um dos segmentos do mercado turístico. Para o Ministério do Turismo (2006, p. 13), “compreende as atividades turísticas relacionadas com a vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

Dessa maneira, consiste na visita a determinado destino com o objetivo de conhecer a cultura local em sua forma de expressão — como museus, apresentações teatrais, arquitetura, sítios históricos, folclore, gastronomia, artesanato, arte, crenças e tradições, festas — que caracterize o modo de ser e de viver de um povo, por meio de características singulares, como nas feiras de Itabuna-BA e de Pedra Sabão, em Ouro Preto-MG (COSTA, 2009) — objeto ora pesquisado.

Considerando-se o turismo como uma atividade que ultrapassa os setores convencionais da economia, requerendo dados de naturezas econômica, social, cultural e ambiental, o artesanato surge como uma alternativa eficiente, capaz de oferecer subsídios ao desenvolvimento turístico do município, já que o valor cultural a ele atribuído atrai turistas que movimentam a economia. Ruschmann (1997) acredita que, para tornar o turismo uma atividade de desenvolvimento econômico, mudanças de atitudes são imprescindíveis nas áreas sociais, culturais e econômicas — um triângulo sem o qual nenhuma implementação turística se viabiliza. Para isso, no planejamento, é preciso contabilizar todas as possíveis formas de impactos, prevendo-se, se possível, o nível para que as consequências não sejam profundas e façam surgir programas que minimizem os efeitos.

Uma delas denomina-se “geoturismo”.

A provisão de serviços e facilidades interpretativas que permitam aos turistas adquirirem conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das ciências da Terra), além de mera apreciação estética (HOSE, 1995 apud NASCIMENTO et al., 2007).

Muitas vezes, em razão da mercantilização da cultura, a arte local é induzida a mudanças para agradar aos turistas e aumentar quantitativamente as vendas. A cultura, dessa forma, torna-se uma mercadoria, além da possibilidade de descaracterização em função de um processo de assimilação de parcelas das culturas “exóticas” dos turistas. Logo, as feiras poderão ser apresentadas para satisfazer aos consumidores, tendo em vista a necessidade de novas experiências (FERRETI, 2002). Há, ainda, dificuldades em estabelecer uma logística de transportes para escoamento da produção artesanal. Santos e Guarneri (2002) revelam que o desenvolvimento de arranjos produtivos é importante para a geração de polos de crescimento e descentralização industrial.

No site do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, lê-se:

Os APLs — Arranjos Produtivos Locais — são aglomerações de empresas com a mesma especialização produtiva e que se localizam em um mesmo espaço geográfico. As empresas dos APLs mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si, contando também com apoio de instituições locais, como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (BRASIL, 2014).

Cabe salientar que tal arranjo pode mostrar-se uma alternativa eficiente na organização e preservação dos bens culturais. Nesse sentido, as feiras e as exposições surgem como oportunidades de geração de negócios, pois, com base nesses eventos, também considerados formas de empreendimento local, realizam-se novos contatos, facilitando o acesso a regiões mais distantes. Logo, a Feirinha de Artesanato de Ouro Preto é relevante, haja vista que facilita a comercialização do artesanato e trata-se de um atrativo turístico a ser organizado e explorado por artesãos e por todos os atores envolvidos no sistema turístico do município.

A Feira de Pedra Sabão de Ouro Preto ou Feirinha de Pedra Sabão — como é conhecida na cidade — localiza-se no largo de Coimbra, em frente à igreja de São Francisco de Assis, no centro histórico de Ouro Preto (Figura 1).

Figura 1. Largo de Coimbra atualmente com Feira de Artesanato de Ouro Preto-MG



Fonte: Marília Baldo
(ESPAÇOS PÚBLICOS BARROCOS.COM.BR, 2013).

De acordo com relatos, o largo de Coimbra abrigou o primeiro mercado municipal, em estrutura de palha e madeira (Figura 2), posteriormente substituída por uma em alvenaria e demolida pelo Poder Público em função da reformulação das políticas de preservação do patrimônio cultural

instauradas no Brasil na década de 1930, sob o argumento de que o estilo neoclássico do prédio não harmonizava com o cenário barroco predominante na cidade. Para esse espaço, foi criado um projeto de local de convívio social, que privilegiava a vista da cidade e a necessidade de espaços arborizados de natureza coletiva (VIEIRA, s.d.).

Figura 2. Largo de Coimbra no século 19, com antigo mercado de tropeiros



Fonte: Acervo de José Pessoa Simões
(ESPAÇOSPÚBLICOSBARROCOS.COM.BR, 2013).

Embora haja controvérsias sobre a exatidão do surgimento da Feirinha, pressupõe-se, em-
basado em relatos dos artesãos mais antigos no local, que sua criação se deu durante a segunda
metade do século 20, em meados da década de 1970. Por meio de uma ocupação irregular, os
artesãos ordenaram-se e montaram uma exposição permanente no local, a céu aberto, onde pas-
saram a comercializar produtos artesanais decorativos e utilitários — características que ainda se
mantêm — e transformaram-na em um dos principais atrativos populares de Ouro Preto, conforme
tratado a seguir.

4. O artesanato como produto turístico

O autor Amaral Filho (2001) conceitua desenvolvimento regional como um processo
de crescimento econômico que implica uma contínua ampliação das capacidades de agrega-
ção de valores sobre a produção e de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção
do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes
de outras regiões. Esse processo resulta na ampliação do emprego, do produto e da renda
do local, além da conservação, em especial se produto de ecoturismo (JÁNER; MOURÃO, 2003).

O artesanato tem a imagem conectada a conceitos, como cultura popular, tradição, heran-
ça (CASTILHOS *et al.*, 2006), religiosidade e identidade cultural, solução de necessidades domés-

ticas, passatempo, diversão, terapia ocupacional. Mais recentemente, tem sido discutido como atividade econômica — seja como complementar a uma ocupação formal, seja como principal fonte de recursos financeiros. O artesanato pode ainda refletir — como forma de ser criado e feito — a história de um povo; além de contribuir para o desenvolvimento econômico de uma comunidade, traz grande potencial para o desenvolvimento do turismo cultural em uma determinada destinação (ROTEIROS DO BRASIL, 2007).

No entanto, para que esse artefato possa ser um veículo de sustentabilidade turística, é necessário que tenha referência do lugar, com destaque dos traços da cultura local, transformando-se em instrumento de informação e atração e, conseqüentemente, em um produto turístico. Kotler (2000) define um produto como todo aquele que pode ser oferecido ao mercado para satisfazer um desejo ou uma necessidade, e inclui, em sua definição, tanto os objetos físicos e os serviços, como os lugares e as ideias. Swarbrooke (2000, p. 21) acrescenta que a preocupação da gestão do turismo sustentável não é apenas ambiental, mas também econômica, social, cultural, política e administrativa.

As atividades associadas ao turismo têm-se mostrado, em diferentes graus, como contribuintes economicamente significativos e essenciais para mudanças na vitalidade dos ecossistemas, das atitudes culturais e dos modelos de ocupação do espaço físico, o que confirma o apontamento de Teles (2011) ao entender que o produto turístico envolve mais do que algo que pode ser oferecido para satisfazer um desejo ou uma necessidade. Mas qual a perspectiva de análise da pedra-sabão como produto turístico? Serrano (2000, p. 205) destaca-o como objeto das trocas de mercado e também como resultado da atividade, seja no segmento de ecoturismo, geoturismo ou no de turismo cultural. Para a autora, o produto seria o somatório de atrativos (naturais e/ou culturais) e serviços. Nesse sentido, Von Burger (1927) destaca que a utilização da pedra-sabão como matéria-prima para confecção de peças artesanais em Ouro Preto é uma herança cultural dos índios, habitantes da região do Vale do Itacolomi, que a empregavam na confecção de seus utensílios⁵. O nome pedra-sabão foi conferido à rocha por artistas barrocos que a utilizavam na ornamentação de igrejas e na produção artesanal de utensílios domésticos. Daqueles artistas o mais reconhecido foi Antônio Francisco Lisboa, o “Aleijadinho” — grande escultor barroco ouro-pretano —, cuja obra-prima é a igreja de São Francisco de Assis. Isso fez com que houvesse uma grande expansão do artesanato nas décadas seguintes e pôs em destaque a arte em pedra-sabão.

Essa expansão, que pode significar uma submissão do artesanato à economia, na forma de maquinofatura — haja vista a forma de produção em massa das peças em pedra-sabão —, é representativa do modelo de sociedade industrial em que, como resultado, os autóctones têm

⁵ Spix e Martius, no 1.º volume de *Viagem pelo Brasil 1817-1820*, assim se expressam: “à mica finalmente amolecida e desintegrada, de cor pardo-amarelada, [...] gostaríamos de denominar talco terroso” (1981, p. 200). Mineralogicamente, a pedra-sabão é denominada “esteatita” — rocha metamórfica de baixa dureza, constituída, predominantemente, por talco e podendo conter ainda clorita, serpentina, antigorita e quartzo, magnetita e pirita.

nos turistas seu ganha-pão (KRIPPENDORF, 2009, p. 69). Yázigi (2001, p. 120) assevera que novos produtos podem surgir aqui e ali substituindo os antigos, já que quase não existe mais o autêntico tradicional. Para o turista, qualquer lugar é local de compras — de quaisquer compras —, mesmo que o “artigo típico” seja produzido noutros espaços. Assim, é possível encontrar os produtos da Feirinha nas lojas do Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro.

Isso pode ser observado em entrevistas realizadas com artesãos da Feirinha de Pedra Sabão acerca da utilização da pedra-sabão em Ouro Preto para a produção de artesanato e em informações acerca do histórico da Feirinha. Porém o processo de produção e distribuição do artesanato poderá ser mais bem entendido em dados levantados na pesquisa que serão apresentados a seguir.

5. Análise e discussão dos resultados

5.1 Infraestrutura e serviços

Os 15 artesãos pesquisados informaram que o processo de produção do artesanato em pedra-sabão se inicia na aquisição da rocha, seleção e classificação de blocos. Em seguida, é feito o transporte até a oficina, a preparação manual (corte dos blocos, serragem, polimento, colagem, embalagem) e, finalmente, a decoração e a comercialização — fase final da produção — que é realizada na Feirinha de Pedra Sabão. Segundo eles, embora haja apenas quarenta artesãos que trabalham com a arte em pedra-sabão na Feirinha, cerca de trezentas famílias beneficiam-se com o artesanato, considerando-se todas as etapas da produção.

Cabe aqui ressaltar que o presidente da Associação dos Artesãos e a esposa — que também trabalha no local e demonstrou grande hostilidade quando abordada — não se disponibilizaram a contribuir com as entrevistas.

Na Feira de Pedra Sabão, são produzidos jogos de xadrez e dama, objetos decorativos em forma de animais, castiçais, cinzeiros, potes, panelas e utensílios de cozinha. A maior parte dos produtos é ali comercializada, pois é onde se expõe o artesanato produzido pelos moradores e exporta-se para comercialização em lojas de todo o País e do mundo. A origem principal da pedra-sabão é local — de acordo com os entrevistados, no distrito de Santa Rita de Ouro Preto (BEZERRA, 2002; ALMEIDA, 2006; PROTI, 2010; QUINTAES, 2006; RODRIGUES, 2007, 2009, 2010, 2012), localizado a cerca de 20km do distrito-sede (Figura 3), e cerca de 70% dos 5.800 habitantes têm seus sustentos provenientes da extração e do artesanato da rocha (IBGE, 2013).

Figura 3: Mapa do município de Ouro Preto-MG, com destaque para o distrito de Santa Rita de Ouro Preto (polígono vermelho), principal local de produção da matéria-prima do artesanato comercializado na Feira — a pedra-sabão



Fonte: Guia Cachoeira do Campo (2013).

Com relação ao funcionamento e à infraestrutura, os artesãos informaram que a Feira funciona das 7 às 19h, com cerca de setenta expositores, e que quarenta deles trabalham exclusivamente com o artesanato em pedra-sabão (Figuras 4 e 5) e os demais com a comercialização de outros produtos, tais como camisetas customizadas, joias, bijuterias e artesanatos de diversos materiais — sem ser a pedra-sabão. A parte destinada à comercialização de pedra-sabão está dividida em quatro alas com dez artesãos cada.

A segurança do local é terceirizada: há dois vigias contratados que se revezam a cada sete dias, cujo salário é pago por todos: “Todos nós pagamos uma taxa para o salário dos vigias; caso alguém não pague, o vigia não se responsabiliza pela segurança da banca da pessoa”, informou um dos artesãos. A água consumida por eles é proveniente do chafariz localizado em frente da Feira; não há banheiros, utilizam os das dependências do prédio público Casa de Gonzaga — onde ficam, também, as Secretarias Municipais de Turismo, Indústria e Comércio e de Cultura e Patrimônio —, e a iluminação é pública.

Figura 4: Barracas e artesanato em pedra-sabão na Feirinha



Fonte: <<http://viagem.uol.com.br/album/guia/2013/08/17/ouro-preto.htm>>(2013).

Figura 5: Artesão talhando escultura em pedra-sabão na Feirinha



Fonte: <www.agoravamoscasar.blogspot> (2013).

Mencionaram-se, ainda, reclamações acerca dos aspectos arquitetônicos da Feira, como a falta de posicionamento correto das bancas, da exposição a fatores climáticos, como sol, chuva, da ventilação e da falta de espaço para que o turista aprecie os artesanatos expostos.

Gráfico 1: Residência e naturalidade

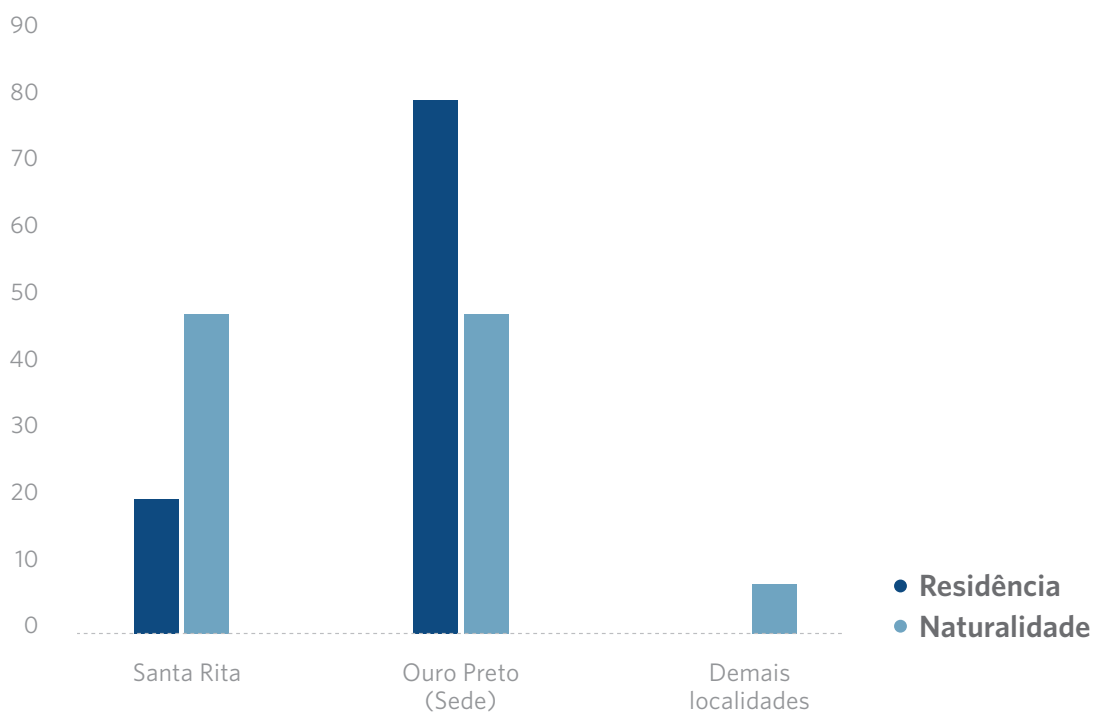
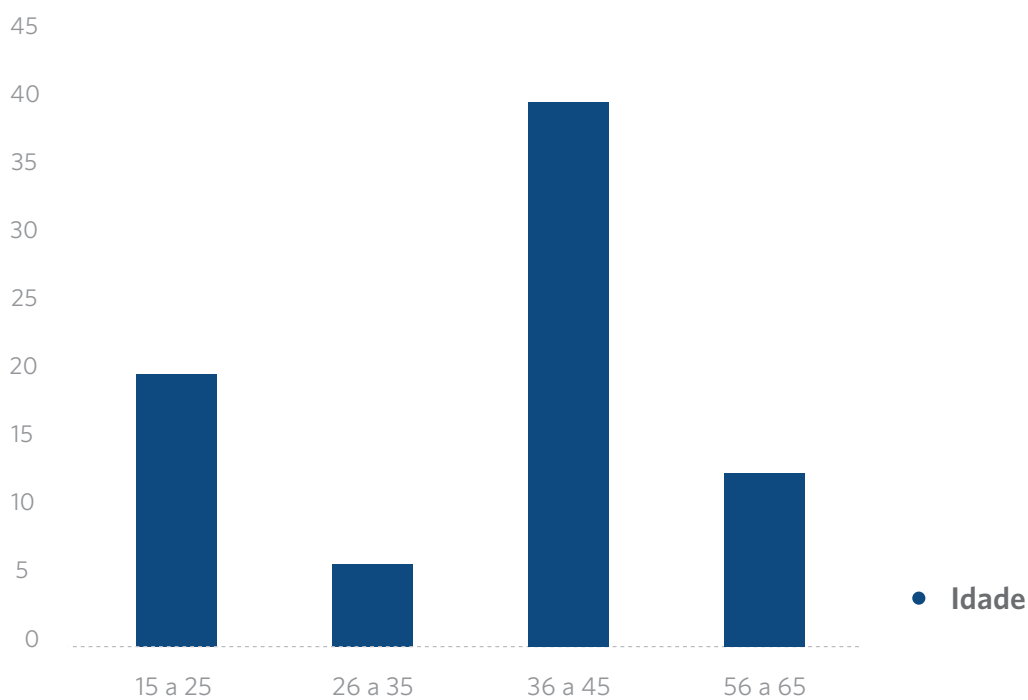


Gráfico 2: Idade dos artesãos



Fonte: Os autores (2013).

Os entrevistados com mais de 55 anos de idade (13%) e que trabalham há mais de trinta anos no local relataram que, cerca de cinquenta anos, onde hoje a Feirinha se encontra situada, existia um mercado de produtos diversos aonde as pessoas dos distritos vinham para comercializar seus produtos que incluíam desde produtos agrícolas, doces, artesanatos diversos ao artesanato em pedra-sabão. Explicaram, ainda, que todos podiam usar o espaço da Feira, organizados de acordo com os dias da semana que eram preestabelecidos. Ou seja, a cada dia da semana, um grupo comercializava no local. Para eles, essa organização gerava muita confusão, pois o trabalho de montar e desmontar as bancas para utilização dos próximos grupos era desgastante. Em decorrência de tais problemas, grupos de artesãos foram-se organizando, e os demais comerciantes — de produtos agrícolas — passaram a comercializar seus produtos em outros pontos da cidade, como em frente da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, ficando o local exclusivo para a comercialização de artesanatos. Porém o espaço da Feira é de propriedade da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, e há um projeto — que os artesãos não aprovam — para a retirada deles do local.

Quanto à organização, realiza-se entre eles, sem influência externa — privada ou do Poder Público. Existe uma associação que é responsável pela gestão da Feirinha: a ADELIC — Associação dos Expositores do largo de Coimbra —, criada entre os artesãos há 17 anos; entretanto ela não tem datas fixas de reuniões, reunindo-se sempre que é necessário tratar de algum assunto que diga respeito aos associados. Há um credenciamento, com fornecimento de crachás, que pelo menos a maioria deles possui. Porém eles não souberam informar com propriedade nenhum dado jurídico acerca da referida associação. Cabe ressaltar que, apesar de diversas tentativas, não houve êxito no objetivo de entrevistar os responsáveis pela associação.

Nota-se que a bibliografia referente a tal empreendimento é restrita: há poucas publicações acerca do funcionamento, da organização e das infraestruturas geral e turística oferecidas pela Feirinha de Artesanato, e também de sua estruturação e de seu forte potencial como atrativo turístico de Ouro Preto.

Na segunda etapa do trabalho, que se segue, abordam-se os artesãos e os comerciantes da Feira de Artesanato e Produtores de Variedades de Ouro Preto — conhecida popularmente como Feirinha de Pedra Sabão.

5.2 Produtores e comerciantes do artesanato de pedra-sabão

A fim de melhor conhecer o perfil dos entrevistados e subsidiar futuras pesquisas, com relação às características de produtores e comerciantes da Feirinha de Artesanato em Pedra Sabão de Ouro Preto-MG, por meio do levantamento da pesquisa, apontou-se o predomínio de artesãos adultos envolvidos na comercialização do artesanato. Assim, levantaram-se as seguintes faixas-etárias entre os artesãos entrevistados: 15 a 25 anos (20%), 26 a 35 anos (7%), 36 a 45 anos

(40%), 46 a 55 anos (20%), e de 56 a 65 anos (13%). Desses, 20% são residentes em Santa Rita de Ouro Preto e 80% no distrito-sede de Ouro Preto, com predomínio de residência nos bairros Alto da Cruz, Morro Santana, Piedade, Alto das Dores. São eles, em sua maioria, naturais de Ouro Preto: 47% de Santa Rita e 47% do distrito-sede, Ouro Preto. Apenas 6% dos entrevistados são naturais de outras localidades, o que aponta para um predomínio de comerciantes de origem local.

Gráfico 3: Gênero

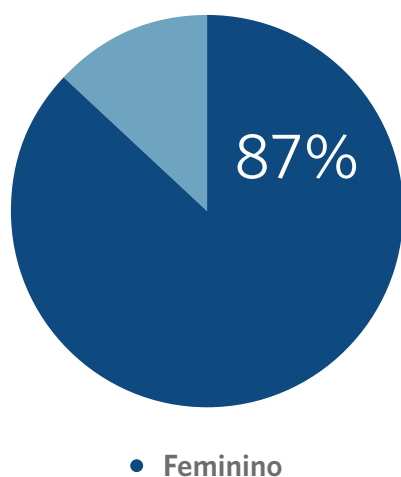
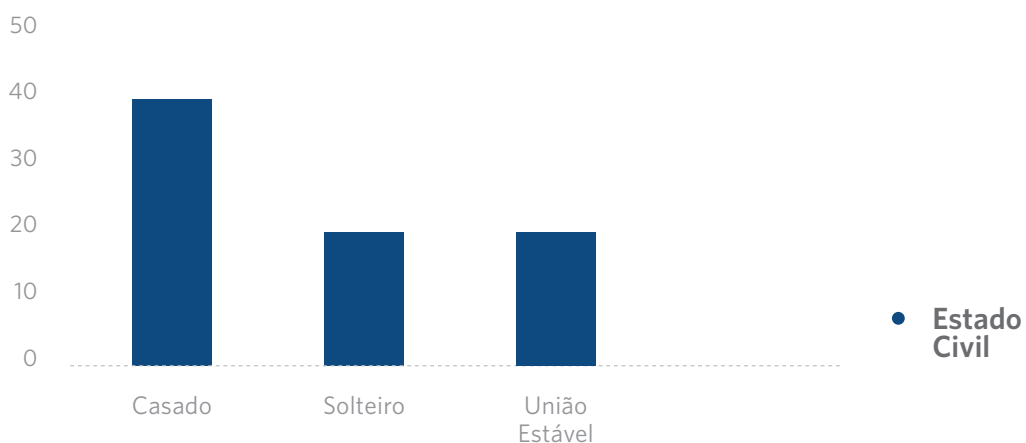


Gráfico 4: Estado civil



Fonte: Os autores (2013).

Com relação à variável sexo, 87% dos entrevistados são mulheres e apenas 13%, homens (Gráfico 3). De acordo com eles, embora toda a família se encontre envolvida no processo de confecção do artesanato, cabe aos homens o corte e o preparo das pedras, parte da produção que é realizada nos distritos, enquanto as mulheres ficam responsáveis pela ornamentação e comercialização das peças na Feira. A predominância do estado civil dos entrevistados é de casados (40%), seguido de 20% de solteiros, e 20% em união estável (Gráfico 4). Quanto ao grau de instrução, 53% concluíram o ensino médio, 33% o ensino fundamental e 14% concluíram o ensino superior.

A matéria-prima utilizada para a produção do artesanato é 100% composta por pedra-sabão. A esteatita, ou pedra-sabão, como é popularmente conhecida, é abundante na região do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais.

É uma rocha metamórfica, compacta, plástica, untuosa ao tato, encontrada nas tonalidades cinza, cinza-azulado, cinza-esverdeado, e nas tonalidades creme e creme-avermelhado. É composta, sobretudo, de talco, que confere à rocha sua principal característica: a baixa dureza, que facilita o manuseio para esculturas (CASTILHOS et al., 2008).

Os temas mais utilizados na confecção das pedras, segundo os entrevistados, são os artesanatos utilitários e ornamentais e não há registro de acidentes ou problemas de saúde relacionados com a prática da atividade artesanal, embora sejam comuns as reclamações referentes a dores na mão e nos braços. Quanto à origem da matéria-prima utilizada para a produção do artesanato, os entrevistados, em sua totalidade, informaram que é oriunda do distrito de Santa Rita de Ouro Preto.

Cabe salientar que a pedra-sabão é encontrada, ainda, em lugarejos, como o caso dos arraiais de Cachoeira do Brumado, Santa Rita e Congonhas do Campo, cujas reservas tiveram suas explorações iniciadas ainda na primeira metade do século 18. Segundo Augusto de Lima Junior (1978), em 1730, já havia pedreiras em atividade nesses arraiais, contribuindo para a dinâmica econômica da região e como fonte de renda dos habitantes.

Percebe-se, também, a possibilidade de que esse grupo de artesãos não tenha conhecimento dos possíveis impactos ambientais que podem decorrer da extração da pedra utilizada como matéria-prima ou se encontram preocupados, apenas, em divulgar seus artesanatos, sem que se proponham a adequar suas práticas produtivas ao cuidado quanto à preservação do meio ambiente. Quando questionados sobre o tempo em que trabalham com o artesanato, foi possível constatar que 60% dos entrevistados exercem a atividade há mais de 21 anos, e os 40% restantes há menos de dez anos. Com relação ao tempo em que exercem a atividade de confecção e comercialização na Feirinha de Pedra Sabão, nota-se uma proporção similar ao tempo em que

praticam a atividade. De acordo com eles, isso se deve ao fato de que a profissão de artesão foi aprendida observando o trabalho dos familiares mais antigos na referida Feira, o que denota uma tradição cultural genuína.

Por meio da pesquisa, revela-se, além disso, a opinião dos artesãos entrevistados acerca da relação do artesanato e das atividades realizadas na Feirinha com as características culturais de Ouro Preto. Como resposta, obteve-se que 100% dos entrevistados acreditam que o artesanato representa bem as características culturais da cidade. Tal fato pode ser exemplificado na variável do questionário referente à motivação que levou essas pessoas a trabalharem com a confecção do artesanato. Entre os entrevistados, 6% declararam que começaram a realizar tal trabalho por gostar do artesanato, 27% por encontrar no artesanato uma opção de renda, e 67% — a grande maioria — informaram que começaram a realizar o artesanato porque é uma prática familiar por eles herdada.

Atualmente, há uma evidente preocupação correspondente à interferência que o meio produz na arte e na cultura da comunidade, influenciando casos de preservação e de continuidade das tradições. No aspecto sociológico, essa influência resulta em atividades programadas para simplesmente atender às expectativas dos visitantes, não reproduzindo com exatidão as performances de raízes das comunidades envolvidas. Porém se observa, na Feirinha, que a maior influência do turismo na prática do artesanato é referente à escala de produção, o que não influenciou na qualidade ou na originalidade do trabalho, e é considerada, portanto, prática comum, decorrente de um processo histórico.

Quando questionados sobre a originalidade do trabalho produzidos por eles, 7% informaram que é possível encontrar fabricação similar em Congonhas; já 93% disseram que não é possível encontrar tal artesanato em outro lugar, pois a pedra encontrada em Ouro Preto tem características únicas e é a mais adequada para o artesanato, por apresentar menor grau de dureza. De acordo com eles, a pedra-sabão encontrada em outras localidades, como no município de Mariana e em Cachoeira do Brumado, tem mais areia, o que a deixa mais dura, própria para a confecção de painéis, mas não muito adequada para o artesanato utilitário ornamental, que é encontrado em abundância em Ouro Preto.

Pelas características citadas, a pedra-sabão serviu como matéria-prima das ornamentações produzidas por diversos mestres-artífices do século 18 ao início do século 19. Porém, apesar da importância cultural do artesanato, apenas 20% dos entrevistados informaram que expuseram seus trabalhos em outras localidades. Os 80% restantes informaram ter vontade de participar de feiras e expor seus trabalhos fora do município; contudo não tiveram oportunidade e não têm condições financeiras para arcar com as despesas acarretadas pela participação em tais eventos.

Acerca da rentabilidade da atividade, foi possível estimar que a renda mensal familiar dos residentes nos domicílios de 40% dos entrevistados varia entre 501 e oitocentos reais, de 13% en-

tre 1.001 e dois mil reais, de 13% entre 2.001 e três mil reais, de 13% acima de três mil reais, de 13% entre 801 e mil reais. E mais: 8% não souberam ou não quiseram informar. Apesar de os entrevistados, na maioria, declararem que faturam de um a dois salários mínimos com a atividade artesanal, quando questionados sobre a existência de alguma outra fonte de recurso monetário, salário ou rendimento, além do artesanato, 100% responderam que o artesanato é a única fonte de renda familiar e que não têm auxílio monetário de nenhum programa governamental, como Bolsa Família, Bolsa Escola, Auxílio Reclusão, por encontrarem-se acima da média salarial para a obtenção de tais auxílios. Cerca de 60% informaram, também, que têm casa própria e que utilizam carro particular para transportar os produtos até a Feirinha para comercialização, enquanto 13% fazem uso de carro alugado, 13% de ônibus convencional e 13% de caminhão/caminhonete como meio de transporte do artesanato.

Cabe observar, nessa variável, que, apesar das divergências quanto ao valor exato do faturamento com a comercialização do artesanato, a atividade mostrou-se rentável, pois possibilita a artesãos e familiares que não necessitem recorrer a outra atividade para promover seus sustentos. Em justificativa a tais dados, eles explicaram que é difícil estipular uma renda certa, pois isso depende da quantidade de produtos vendidos, que, por sua vez, dependem da demanda e dos períodos de alta na visitação em Ouro Preto. Apenas alguns registram o quantitativo do artesanato vendido. Um dos entrevistados informou que o faturamento está condicionado à capacidade de venda do comerciante. Afirmaram que existem vendedores que vendem muito pouco, já outros conseguem faturar mais de três mil reais por mês apenas com a comercialização do artesanato. Os demais informaram que a flutuação sazonal interfere no rendimento. Houve menção a desequilíbrios financeiros em períodos de baixa visitação turística.

Ao caracterizar-se o sistema turístico de uma determinada localidade, como no caso da Feirinha de Pedra Sabão, é possível pensar na formação de um arranjo produtivo local, de acordo com os artesanatos e as parcerias da localidade em promoção de um desenvolvimento turístico sustentável. Freitas (2006) acredita que se deva estimular os artesãos a trabalharem com base em um sistema cooperativista de produção, que poderia ser visto, a princípio, como um caminho para a comercialização do artesanato e o fortalecimento coletivo.

Quando questionados sobre o quantitativo de pedras comercializadas por dia na Feirinha, 60% responderam que comercializam, em média, nove peças por dia, 40% não souberam responder, pois de acordo com eles, a comercialização está vinculada à visitação turística, e chegam a passar cinco dias sem comercializar nada, embora vendam muito nos fins de semana ou em datas comemorativas e períodos de maior visitação turística na cidade.

Na óptica dos artesãos entrevistados, entre os pontos positivos da Feira observados, encontram-se a originalidade de seus artesanatos e a localização central que facilita a comercialização para pessoas de todo o mundo, além da oferta de oportunidades de trabalho para a comuni-

dade local e da criação de fontes de renda para os artesãos que vêm dos distritos para a sede com a finalidade de dar prosseguimento aos estudos. Embora a variável não tenha sido abordada no questionário, boa parcela dos entrevistados alegou que os filhos dão seguimento aos estudos em instituições localizadas no distrito-sede de Ouro Preto, tais como o Instituto Federal de Minas Gerais — IFMG — e a Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP. Alguns desses estudantes foram encontrados no local auxiliando os pais em seus trabalhos de confecção dos artesanatos; segundo eles, poder trabalhar e morar na cidade em que nasceram é o maior benefício que veem na Feira.

Com relação aos pontos negativos encontrados pelos entrevistados, citaram a falta de cobertura das bancas que os deixam expostos às ações do tempo, isto é, chuva e sol quente. Informaram precisar deslocar-se da Feira para ter suas necessidades básicas atendidas, como alimentação, higiene, segurança e descanso. Mencionaram, ainda, a falta de apoio da gestão pública, a desvalorização financeira do artesanato, a desorganização das barracas, que não permitem que os turistas transitem livremente pelas bancas sem tropeçar nas peças. A falta de espaço para a locomoção dos turistas também impede que se visualize melhor o trabalho. Porém certamente a maior reclamação está relacionada com a infraestrutura precária, a ausência de banheiros, de água tratada, de locais apropriados para o acondicionamento do lixo e a limpeza do local.

Os entrevistados entendem que, para que o artesanato ganhe maior conotação e, conseqüentemente, venha a colaborar para um provável turismo sustentável local, precisam de um investimento público no que tange à sinalização de indicação da Feirinha como atrativo turístico e de melhorias nas condições de acessibilidade e proteção ao tempo das bancas, porém, sem retirá-los do local em que se encontram, pois acreditam que as vendas seriam prejudicadas se fossem retirados do centro. Por outro lado, no que tange aos artesãos, sugerem uma melhor organização por parte da Associação no que se refere à organização do arranjo produtivo artesanal e à busca por parcerias efetivas na divulgação do artesanato como produto turístico local. O fator divulgação de Ouro Preto já foi apontado por Machado e Gosling (2010) como chave para a imagem do destino turístico, complementado por Umbelino (2010) quanto à relação da comunidade ouro-pretana com o turista.

O objetivo da política turística, na concepção de Sancho (2001), é compatibilizar o princípio de liberdade de mercado e a empresa com a preservação das vantagens estruturais que assegurem a continuidade da atividade em condições adequadas. Porém, na Feirinha de Pedra Sabão, tal presença do setor público é inexistente.

Também não foi notado, no decorrer da pesquisa, conhecimento dos entrevistados acerca da questão do artesanato como patrimônio cultural imaterial (MTUR, 2008), previsto no artigo 216 da Constituição brasileira (1988). Além disso, eles não reconhecem o significado desse título e as ações que implica. Cabe ressaltar que o debate sobre patrimônio imaterial coloca o agente produtor na condição de prioridade quanto às políticas de desenvolvimento socioeconômico e ao reconhecimento da propriedade intelectual coletiva. Trata-se, pois, de um grande passo para que

se garantam os direitos de cidadania da classe artesã brasileira. Tal ponderação demonstra, afinal, a incorreta compreensão do conceito de cidadania no principal órgão de gestão cultural do município. E mais: é preciso considerar, ainda, a ausência de divulgação da Feirinha e do artesanato em questão.

Assim, a roteirização do atrativo como produto turístico incluído em outros roteiros mais abrangentes, tais como a Estrada Real (MARTONI; VARAJÃO, 2009; ESTRADAREAL, 2013) e o geoturístico mineiro (LICCARDO, 2010; MOREIRA, 2011), poderia ser agregada ao Programa do Artesanato Brasileiro — PAB — (BRASIL, 1991, 1995),

instituído com a finalidade de coordenar e desenvolver atividades que visem a valorizar o artesão brasileiro, elevando seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem assim a desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal.

Ressalte-se que se observou, na amostra, a capacitação de artesãos e multiplicadores pelo PAB, estimulando a vocação regional do artesanato em pedra-sabão e a mentalidade empreendedora e preparando as organizações, como a ADELIC e seus artesãos, para o mercado.

6. Considerações finais

O artesanato local pode oferecer subsídio para o desenvolvimento turístico do município, uma vez que atrai turistas que movimentam a economia. Assim, a produção artesanal da Feirinha de Pedra Sabão de Ouro Preto deve estar relacionada com um arranjo produtivo local, mantendo um vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre os artesãos e a demanda local de uma produção pequena e pulverizada.

No entanto foi possível observar que o arranjo produtivo local requer parcerias com o governo municipal, as associações empresariais e as instituições de crédito, de ensino e de pesquisa, uma vez que eleva a competitividade em conformidade com estratégias de desenvolvimento. Constatou-se, por meio da pesquisa, que o artesanato em pedra-sabão é proveniente de herança cultural local, porém parcialmente adequado para atender à demanda turística.

Os artesãos são predominantemente oriundos de Ouro Preto e reconhecem, no artesanato, uma forma de representação da cultura local. A comercialização do artesanato é uma atividade financeira rentável, apresentando-se como uma importante fonte de renda para as comunidades locais. Há indicativos de que tal atividade provoca poluição estética, resíduos sólidos na confecção

e comercialização, além de esgotamento de recursos naturais. Para sanarem-se tais problemas, é preciso realizar um planejamento paisagístico, investir em tecnologias limpas e gerenciar o entulho e outros resíduos provenientes da produção.

Os entrevistados consideram a Feirinha como um produto turístico relevante para a divulgação da cultura local nas demais localidades. Observa-se que não houve desagregação de traços culturais das comunidades locais, apesar do aumento na produtividade, mas são necessárias ações que visem a atender às expectativas dos artesãos no que tange à organização cooperativista, às melhorias na infraestrutura, ao maior envolvimento do setor público e ao apoio na divulgação dos trabalhos.

Nota-se a ausência de formas de atuação direta dos órgãos públicos que visem à adoção de práticas adequadas ao projeto e à execução do empreendimento na forma de planejamento, regulamentação, incentivo e assistência técnica — embora se observe que o PAB é de 1991 e a ADELCT tenha surgido em 1995. Ressalte-se que não foi citado, em nenhum momento, mecanismos legais no município que garantam ao trabalhador cultural algum recurso em caso de privação de sua força de trabalho, tampouco sobre a regulamentação da profissão, o que, de pronto, anularia a atual e crítica situação de informalidade desse agente economicamente ativo.

Dado o nível de competição, as empresas atuantes no setor de turismo e as associações podem agir de forma isolada ou articulada. Essa articulação pode ocorrer de diversas formas: uma opção seria a elaboração de um Plano de Organização Empresarial por meio da constituição de um arranjo produtivo local. E mais: por meio do fortalecimento do APL, as empresas podem tornar-se mais competitivas.

Dessa forma, para que o artesanato da Feirinha de pedra-sabão seja oficialmente reconhecido como produto turístico, necessita-se de investimentos públicos, tais como em sinalização, acesso e divulgação e na organização cooperativista para plena valorização do patrimônio cultural não somente para os turistas, mas para os artesãos.

7. Referências

- AMARAL FILHO, J. A endogeneização no desenvolvimento econômico regional elocal. **Planejamento e Políticas Públicas** (IPEA), vol. 23, 2001.
- AMARILLASINTERNET. **"ADELC" Feira de Pedra Sabão de Ouro Preto/MG**. Disponível em: <http://sites.amarillasinternet.com/adelcfeiradepedrasabao/nossa_historia.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BANDUCCI JR., A; BARRETTO, M. (Orgs.). **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- BARRETTO, M. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas: Papirus, 2007.
- _____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.
- BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1998.
- BEZERRA, O. M. de P. A. **Condições de vida, produção e saúde em uma comunidade de mineiros e artesãos em pedra-sabão em Ouro Preto, Minas Gerais: uma abordagem a partir da ocorrência de pneumoconioses**. 2002. 87 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária, Preventiva e Epidemiológica) — Departamento de Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- _____. **Decreto n.º 91**, de 21 de março de 1991. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro e dá outras providências. Brasília, Senado Federal, 1991.
- _____. **Decreto n.º 448**, de 14 de fevereiro de 1992. Regulamenta a Lei Federal 8.181— Política Nacional de Turismo. Brasília, Senado Federal, 1992.
- _____. **Decreto n.º 1.508**, de 31 de maio de 1995. Dispõe sobre a subordinação do Programa de Artesanato Brasileiro. Brasília, Senado Federal, 1995.
- _____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **APLs**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=2&menu=300>>. Acesso em: 19 fev. 2014.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Marcos conceituais**. Brasília: MTur, 2006.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Roteiros do Brasil**. Conteúdo fundamental: turismo esustentabilidade. Brasília: MTur, 2007 (Coordenação Geral de Regionalização. Programa de Regionalização do Turismo).
-

- _____. **Turismo cultural:** orientações básicas. Brasília: MTur, 2008.
- _____. **Turismo no Brasil 2007-2010.** Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br/arquivos_open/diretrizes_manuais/planos_nacionais/Turismo_Brasil_2007_2010.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2009.
- CARTER, E. **Sustainable tourism in the Third World:** problems and prospects. Discussion paper n.3. London: Department of Geography, University of Readings, dez. 1991.
- CASTILHOS, Z. C. *et al.* Clean technologies for soapstone handcraft in a rural area of Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil. In: INTERNATIONAL CONFERENCE— CLEAN TECHNOLOGIES FOR THE WORLD MINING INDUSTRY, 8., Santiago, Chile. **Apresentação...** Santiago, Chile, abr. 2008 (I).
- _____. **Trabalho familiar no artesanato de pedra-sabão — Ouro Preto, Brasil.** CETEM/CNPq, Rio de Janeiro, dez. 2006 (Comunicação Técnica elaborada para o livro Gênero e trabalho infantil na pequena mineração — Brasil, Peru, Argentina, Bolívia).
- CASTROGIOVANNI, A. C. Existe uma geografia do turismo?. In: GASTAL, S. de A. (Org.). **Turismo:** investigação e crítica. São Paulo: Contexto, 2002.
- CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio.** São Paulo: UNESP/Estação Liberdade, 2001. Copa 2014. Disponível em: <http://www.copa2014.org.br/noticias/2388/BAHIA+PREPARA+DUPLICACAO+DA+CAPACIDADE+HOTELEIRA.html>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- COSTA, A. de C. Espaços públicos para o artesanato local: um estudo comparativo entre equipamentos culturais das cidades de Itabuna (BA) e Ouro Preto (MG). In: ENECULT — ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., Salvador. **Anais...** Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. 15 p.
- DIAGNOSE E PROGNOSE. **Plano Diretor de Ouro Preto.** 2001. Disponível em: <<http://www.geocities.com/CollegePark/Hall/4584/frames1.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- ESPAÇOS PÚBLICOS BARROCOS.COM.BR. **O Largo de Coimbra.** Disponível em: <<http://espacos-publicosbarrocos.blogspot.com.br/2012/05/o-largo-de-coimbra>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- ESTRADA REAL. **Roteiros.** Disponível em: <<http://www.estradareal.org.br>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- FERRETTI, E. R. **Turismo e meio ambiente.** São Paulo: Roca, 2002.
- FREITAS, A. L. C. **Design e artesanato:** uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Gestão pela Qualidade e Desenvolvimento de Produtos) — Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2006.
-

-
- GUIA CACHOEIRA DO CAMPO. **Ouro Preto**. Distritos. Disponível em: <<http://guiacachoeirado-campo.com.br/distritos/>>. Acesso em: 26 nov. 2013.
- IBGE. **Ouro Preto**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=314610>>. Acesso em: 26 nov. 2013.
- JÁNER, A.; MOURÃO, R. Elaboração do produto de ecoturismo. 2003. In: _____. **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. Brasília: WWF, 2003, p. 145-188.
- KOTLER, P. **Administração de marketing**. São Paulo: Atlas, 2000.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.
- _____. **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.
- LICCARDO, A. Turismo mineral em Minas Gerais, Brasil. **Global Tourism**, vol. 3, n.o 2, p. 1-19, 2010.
- LIMA JUNIOR, A. de. **A capitania das Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. Revista Planejamento e Políticas Públicas**, n.o 23, p.265-286, jun. 2001.
- MACHADO, D. F. C.; GOSLING, M. A imagem do destino turístico Ouro Preto e seus reflexos na lealdade, na satisfação e na divulgação boca a boca. **Revista Acadêmica Observatório deln-vação do Turismo**, vol. 5, n.o 3, p. 1-28, 2010.
- MARTONI, R. M.; VARAJÃO, G. F. D. C. **Caminhos opostos**. Turismo nas Estradas Reais de Minas Gerais. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.
- MENICONI, R. O. de M. **A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto**. 1999. 156 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.
- MOREIRA, J. C. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa-PR: UEPG, 2011.
- NASCIMENTO, M. A. L. do; RUCHKYS, Ú. A.; MANTESSO-NETO, V. Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. **Global Tourism**, vol. 3, n.o 2, nov. 2007, 24 p.
- OLIVEIRA, A. P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2001.
- PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papirus, 2001.
- PIETRO, C. **A mineração e o Novo Mundo**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo-RS: Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo — ASPEUR/Universidade Feevale, 2013.
- PROTI, R. S. C. **Estudo do material particulado atmosférico proveniente da extração e manufatura de pedra-sabão nos municípios de Ouro Preto e Mariana, MG**. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Evolução Crustal e Recursos Naturais) — Departamento de Geologia, Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.
-

-
- QUINTAES, K. D. A influência da composição do esteatito (pedra-sabão) na migração de minerais para os alimentos — Minerais do esteatito. **Cerâmica**, vol. 52, p. 298-306, 2006.
- RODRIGUES, G. M. P. **Um estudo sobre propostas de medidas de controle, através da identificação dos riscos em uma indústria de artefatos de pedra-sabão como suporte para a gestão da Engenharia de Segurança e Higiene do Trabalho**. 2007.118 f. Monografia (Graduação em Engenharia de Produção) — Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2007.
- RODRIGUES, M. D. **Contribuição da análise ergonômica do trabalho na avaliação social do ciclo de vida de artefatos de pedra-sabão: estudo de caso em Santa Rita de Ouro Preto**. 2012. 165 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) — Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- RODRIGUES, M. L. M. **Caracterização tecnológica de resíduos de pedra-sabão de oficinas de artesanato em pedra-sabão da região de Ouro Preto**. 2010. 137 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Mineral) — Departamento de Engenharia Mineral da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.
- RODRIGUES, M. M. P. **Estudo para aplicação da metodologia de produção mais limpa na fabricação de artesanato em pedra-sabão em oficina do distrito de Santa Rita de Ouro Preto**. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) — Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.
- RONÁ, R. di. **Transportes no turismo**. Barueri, SP: Manole, 2002.
- RUSCHMANN, D. V. M. (Org.). **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papyrus, 1997.
- SANCHO, A. **Introdução ao turismo**. Brasil, ROCA, 2001.
- SANTOS, A. M. M.; GUARNERI, L. S. **Características gerais do apoio a arranjos produtivos locais**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2000.
- SANTOS, R. C. P. **Análise dos entraves para a criação de um Arranjo Produtivo Local (APL) de base mineral da pedra-sabão na região de Ouro Preto, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Minas) — Departamento de Engenharia Mineral da Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2009.
- SERRANO, C. M. de T. O “produto” ecoturístico. In: ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo**. Como aprender, como ensinar. São Paulo: SENAC-São Paulo, 2000, p. 203-234.
- SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. São Paulo: Itatiaia, 1981, vol. 1.
- SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental**. São Paulo: Aleph, 2000, vol. 1.
- TELES, R. M. de S. (Org.). **Turismo e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.
-

TURISMO CULTURAL ESTRADA REAL, 2006. Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/cadsubsidiros ESTRADA_REAL.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2006.

UMBELINO, R. de P. **A concepção dos turistas e moradores sobre o patrimônio de Ouro Preto-MG**. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2010.

VIEIRA, L. de C. **Largo do Coimbra, Ouro Preto**: a trajetória de um espaço frente ao pensamento moderno e à política de preservação da SPHAN. 1995. Disponível em:<<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Liliane%20de%20Castro%20Vieira.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2014.

VIVÊNCIAS BRASIL. Disponível em:<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/cadsubsidiros ESTRADA_REAL.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2010.

VON BURGER, O. Estudo sobre “pedras de sabão” de Minas Gerais. **Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio**, vol. 3, p. 519-548, 1927.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

Simone Fernandes Machado

Graduada em Turismo na Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP.
Chefe de UCs na Diretoria de Áreas Protegidas e Projetos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Ouro Preto-MG.
E-mail: <sissamachadofernan@hotmail.com>.

Ricardo Eustáquio Fonseca Filho

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto — UFOP.
Especialista em Gestão Ambiental pelo SENAC-Minas, mestre e doutorando em Ciências Naturais pelo Departamento de Geologia da Escola de Minas — UFOP e professor assistente do Curso de Bacharelado em Turismo — UFOP.
E-mail: <ricardo@turismo.ufop.br>.
Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Turismo-DETUR. Escola de Direito, Turismo e Museologia-EDTM
Campus Morro do Cruzeiro, s/nº
CEP 35400-000-Ouro Preto-MG